

QUINTA-FEIRA
Lisboa--6 de Março--de 1930

5 de Maio, 832 M. LÓES

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

198



sempre fixe

semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Recepção aos jornalistas belgas no "Diario de Lisboa,"



Diario de Lisboa



Os ditos da semana



O cardapio Ha dias o papa *Diario de Lisboa*, transcrevia do *Jornal do Brazil* uma noticia sobre o respeito que os nossos irmãos de Alem-Mar, procuram impôr pela nossa lingua, proibindo disticos e taboetas e até os menús em lingua estrangeira.

Nós, como o papa *Diario de Lisboa*, apoiamos a atitude dos brasileiros, mas não podemos deixar de lhe pôr certas limitações, porque ha palavras, que embora classicas e vernaculissimas, ofendem o bichinho do ouvido.

E lá vem, na noticia, uma delas. É portuguez do bom, do autentico daquelle que o Padre Antonio Vieira e a propria viuva não repudiariam, mas que anda tão fóra do ouvido, e sóa tão asperamente, tão maliciosamente aos nossos ouvidos que, se estivesse na nossa mão (que é como quem diz na nossa lingua) nós não hesitaríamos um instante em pô-la de parte. Trata-se de *cardapio* em vez de *menú*.

Não, lá isso não. Ate parece outra coisa. É portuguez de lei.

ANUNCIOS Já agora que alguns leitores nos incitaram a continuar na bisbilhotice dos anuncios, sempre que os jornaes forneçam materia prima, serviremos esse magnifico prato aos nossos amigos.

Ora vamos a isto:
Do *Diario de Noticias*.

Perdeu-se

CHAL-ÉU de senhora, entre Carcavelos e Oeiras, no domingo, 9 do corrente, gratificando-se a per-

As doenças



— Não é doença de cuidoado. Em todo o caso isto pega-se...
— Pega-se, como? De cara ou de cernelha?

soa que o entregue completo. Resposta á rua de tal, etc.

Que se perca uma sombrinha, um par de luvas, uma bengala ou uma mala de mão, comprendemos nós. Agora perder o chapéu, continuando na posse da cabeça, é que nos parece mais difficil. Mas ninguém anuncia só pelo gosto de dar dinheiro a ganhar aos jornaes.

Miss

SENHORA inglesa deseja casa para educar duas ou três crianças. Resposta a este jornal ao n.º 75.

Pronto, minha senhora inglesa, aqui tem uma casa ás suas ordens, mas não temos mais nada por enquanto. Vamos agora tratar de arranjar as creanças.

Balancé

PRECISA-SE de resistencia para meio de pratos de fricção e para força motriz com força de pressão de 20 a 30 mil quilos, furo o minimo 60 milímetros, novo ou usado. Carta a este jornal ao n.º 77.

Para nós, que não andamos no balancé, este anuncio é um pouco confuso. Em todo o caso poderemos talvez dar al-

gumas informações ao interessado, para o caso de querer obter o balancé por partes.

Os pratos de fricção deve encontra-los talvez na Companhia da Poesia, embora com um pouco menos de força de pressão. Quanto ao furo minimo de 60 milímetros tem de procura-lo noutra parte, numa creche ou maternidade.

Mas não se demore muito porque o tempo vóa.

E agora este para fechar com chave de ouro:

Picotadeira

DE alavanca, sem defeito. Picotada 5 cm. Mostra-se nos dias uteis, das 20 ás 22 horas.

O leitor sente a necessidade de que lhe façamos algum comentario?

Jornalistas belgas Vieram ai os jornalistas belgas. Aprenderam alguma coisa da nossa historia, da nossa lingua e até da sua, na qual ou-

viram expressões absolutamente ineditas para eles.

— «Vive la presse belgeque!»
— «Ah! maintenant oui (Ah! agora sim).

— «C'est de l'habit. (É da casaca?)» (?)

— «Pas cher, mr.» Seule-ment une petite chambre. (Apenas um quartinho).

Etc., etc...

O bicho-homem A's vezes apparecem no concurso do *Diario do Noticias*, certos bichos que são bichos mas não são homens. E ainda não appareceu e julgamos que não apparecerá o mais vulgar de todos os bichos, o bicho cujo nome mais vezes se applica ao homem, o bicho que, nem por ser muito pequeno, deixa de incomodar furiosamente o outro bicho—o bicho homem.

Isto não é um concurso. É apenas uma pergunta, um enigma que apresentamos aos nossos leitores. E nada mais.

Agora não nos encomodem, não nos apoquentem, não nos massem com perguntas, sob pena de sem incluidos no numero do bicho-homem ou do homem-bicho.



— Ora diga-me sr. Stuart, com quem aprendeu scenografia?
— Com a minha mulher que é uma grande scenografa... Para scenas não ha outra.

Os rapazes de medicina Nunca os estudantes de medicina podiam ir a Madrid em occasião mais apropriada do que nesta, em que era preciso estirpar da cabeça dos nossos amigos hespanhoes aquella mania da união Iberica. Pode dizer-se que foi uma intervenção cirurgica a tempo e... e horas dos hespanhoes não pensarem mais nisso.

A gramatica



— Ora diga-me agora o meu menino: qual é o passado do verbo despertar.
— Dormir!

TEATRO

«RETROZ DRETO...»

Depois do Carnaval

TODOS os que se interessam por teatro — pelo teatro declamado — tem de fazer «qualquer coisa» para que não se deixe aproximar mais a pavorosa crise que atravessa. Numa *premiere* duma comedia — verdade seja que era muito má — entraram na bilheteira 420 escudos de receita! E' deploravel! Isto passou-se na ultima semana. A peça representou-se duas noites. Quanto trabalho perdido, quantas horas de ensaio inutil!

E' necessario fazer seja o que for. Em primeiro lugar, *crear* directores artisticos, creaturas que percebam de teatro e a quem os actores e as actrizes obedecam. Será ele que distribue os papeis e será ele que escolhe as peças. Um responsavel — impõe-se. Sempre ha a quem deitar as culpas... ao menos.

Ha que gritar bem alto, como nos palcos, o contra-regra:

— Quem não é de scena, fóra de scena!

E' urgente não deixar entregue o teatro declamado a quem não percebe... ou a quem julga perceber, o que é pior.

TRANSCREVEMOS do *Diario de Lisboa*:

«Com aquele ar «poseur» de pessoa toleirosa e orgulhosa, o E. é o rapaz mais camarada e mais simpatico, e o mais acessivel do mundo. Quem o vê, luvas amarelas, chapéu no sobrolho, ao volante do seu «Readster», é capaz de jurar que vai all o chá da Persia, quando de Chá só tem aquele que bebeu em pequeno, porque o nosso E. é das figuras mais requintadamente bem educadas do nosso teatro, de uma elegancia sem esforço, pela razão que foi sempre elegante, mesmo muito antes de ser a figura de destaque que honra os palcos de Portugal.

Ainda do mesmo jornal e do mesmo artigo:

«Mas o caso é que nem sempre aparece um paler-familias, como o nosso E., com um coração bondoso e transigente como o de Lucilla. Mas não divaguemos... Murmurava-se pelos cafés que a revista do E. era mais arrojada do que as suas produções antecedentes, que tinha feição e forma, e os interpretes, os piores reclamistas das peças, diziam á bôca pequena que era obra asseada, com boa piada, doseada com intelligencia e graça.»

E' ou não um retrato proprio que chega a dar a impressão de que é escrito pelo dito? Se não é... é o caso... devia tê-lo sido.

A. da C. reaparece em Lisboa com a peça *O autoritário*. E' bena uma palavra que casa com o feiço daquele artista. Não se podia empregar agora o conhecido adagio: «Em casa de ferreiro, espêto de pau»...

E' necessario mais cautela... Na peça com que se estreou, no T. N., o actor L. F. ouviu-se esta frase:



O estado em que ficou o nosso querido amigo Ricardo Covões depois da exhibição dos bailarinos brancos e pretos... Passou a andar em pé de dança...

«— A estrada de ferro que liga...»

Não sabemos bem o que será uma estrada de ferro... Ou por outra, sabemos, mas não queremos dizer... O que diremos é que se vive e se representa em Portugal e que as peças devem ser traduzidas, embora mal, por portugueses...

... E' necessario mais cautela...

OS humoristas começam a vêr que não tem com que justificar o nome que lhes dão. Tanto assim que, em vez de espirito — o que era necessario haver nas revistas — ha retalhos de graça...

COMEÇA hoje a segunda época de teatro. A primeira é da inauguração da temporada até ao Carnaval. A segunda é mais difficil de

atravessar. O publico cansou-se, durante o Entrado, e afasta-se do teatro. Tem de se arranjar acepipes novos e coisas que o chamem... E' necessario dar mais vida ás companhias. Estão a viver muito pouco. Precisam elixires para lhe prolongar a respiração...

A ultima peça da companhia do T. A. intitulou-se *Tarari!* ou seja o toque de dispersar...

Que o R. M. dirigia o T. N., é do conhecimento publico. Agora que tinha um *Café*, era do nosso conhecimento.

Se se não matam, fazem sabendo: o R. M. também se chama Felisberto. Eis a razão porque dizem que o *Café* é dele...

COM a morte do Entrado morrem também, salvo raras excepções, as revistas que se escrevem para aquela temporada. Uma delas tem seis nomes a assiná-la. Se fôsse mais um, era o caso de dizer que foram necesarios sete alfaiates para matar definitivamente uma «aranha».

ACAUTELAI-VOS, actores e actrizes...

Leiam este anuncio, publicado no *Diario de Noticias*:

DECLAMAÇÃO (ART^o DE DIZER)

Ensina-se. Quem precisar, carta a este jornal ao 625.

Quem será o professor ou professora?

Tratar-se-ha de algum artista teatral que não tem contracto e necessita ganhar a vida? Tudo pode acontecer...

SO' faltava o actor R. de C. para se poder chamar á companhia do T. N. a dos homens grandes e altos. Ha lá cada um! O C. de O., o R. M., o L. L., o V. dos S., o L. C., etc.

O R. de C. fugiu da companhia dos homens pequenos. Não se sentia bem ao lado do G. F. e do M. de C....

Verdade seja que os homens não se medem aos palmos...

FALA-SE numa recita sensacional dos rapazes da imprensa. Diz-se que vão fazer de «fantoche» numa peça ultimamente representada...

Esperemos pelas revelações que se vão dar nessa noite. Duma já nós esperamos. Val ser de se pôr os cabelos em pé... a nós e não a ele...

O busto de Almeida Garrett, collocado em frente da porta que dá para o Rossio, parece convidar o publico a entrar... Foi preciso mostrar-lho para se lembrar de que existia ali uma casa de espectaculos. O segredo, muitas vezes, dos sucessos está em fazer vêr aos esquecidos e aos indiferentes o que existe. E' necessario meter-lhe as coisas pelos olhos dentro...

Só assim se vence. E A. R. C. e R. M. mostram bem a quem passa pelo Rossio a existencia dum teatro onde se trabalha. O publico, depois de se lhe dar o que não sabia que existia, fica contente e agradece — ajudando a viver os que merecem...

HA peças que não morrem... Uma delas é a que voltou agora á scena e que na moderna nomenclatura teatral se chama «super-comedia» e tem por título:

O HOMEM DAS 5 HORAS.

Elevador da Gloria

Procopio regressara da America, onde havia passado uns bons vinte anos. A sua primeira visita em Lisboa foi para o seu amigo de infancia -- o Silveira -- de quem nunca tivera noticias durante a longa ausencia do pais.

Ao cabo de inumeras investigações, Procopio soube que Silveira se tinha casado e que vivia num dos arredores da cidade.

Sem perda de um momento, dirigiu-se a casa do amigo. Mas, mal ali chegou, teve uma amarga surpresa:

-- Faz favor de tutrar... -- disse uma senhora vestida de negro. Lamentado muito, senhor... mas... devo dizer-lhe que meu adorado marido morreu...

-- Sba?!...
-- Sim, senhor. Coitado!... Tão bom como ele era... Tanto nos queriamos para, afinal, Deus m'o levar. Nunca mais poderei esquecer-lo...

-- E estes pequenos? -- inquiriu o Procopio -- são filhos dele?

-- Sim, senhor. Tenho cinco. O mais pequeno de dois anos e o mais velho de oito.

-- E ha muito tempo que morreu o meu pobre amigo Silveira?

-- Fez no mês passado dez anos. Mas recordo-o como se tivesse sido hoje!...

* * *

Calçada da Gloria. Junto ao estaferno representante da architectura neo-idiotica do seculo XX, duas senhoras aguardam, impacientes, a partida elevador. A mais irrequieta diz para a outra:

-- Olha, filha, se soubesse tinha ido a pé!

-- Isso é bom para ti, mas eu já não tenho pernas para isso...

-- Pudera, elas nem para tudo podem chegar!...

* * *

Na farmacia:

-- A minha avó manda perguntar se o remedio que lhe deu para os calos é para tomar antes ou depois das refeições.

* * *

Na cadeia:

-- Desculpe, enganamo-nos ao tê-lo aqui dois dias preso.

-- Não faz mal, desconta-se quando eu eu vier a proxima vez.

Os devedores



-- Quando pensa você em pagar o que me deve?

-- Talvez no sabado... Comprei ha pouco um vigesimo...

DOIS GULOSOS



O homem dos cabides

21 horas: Entro na Leitaria «Flôr» da rua Barroso. A chuva miudinha faz contas de somar na rua acimentada e os automoveis correm velozes, ensurdecendo com o som das suas buzinas os pobres moradores.

Uma mulher de rosto egipcio, pés de elefante e uma alcôa na cabeça a fingir de chapéu ou um chapéu a fingir de alcôa, bebe aguardente como uma égua sequiosa poderia beber leite de vaca.

21 e cinco: Entra um mulato, quasi ás riscas, que se entretém a fazer caricaturas de... pastéis de nata em papel de W. C. e que depois de beber um copo de vinho branco, sem ninguem lhe perguntar nada, confessa ser o Presidente do «Club Regenerador das Mulheres Perdidas». É uma mania incuravel e que tem dado desgostos a muitas familias. Quando me abordou, disse-lhe: Mas quem lhe disse que eu estava vivo? Em seguida, ele reparou na mulher de rosto egipcio e pediu licença para se sentar á mesa dela. O requerimento foi deferido, como era de esperar. Segundos depois, ele chamou-lhe Corina com a mesma facilidade que eu lhe chamaria estaferno.

21 e dezenove: Entrou agora uma linda menina de porte senhoril e com uma capa de borracha cor de burro quando foge. Pede licença para falar ao telefone. Gentilmente, a trôco de cinquenta centavos, o empregado accede. Fez-se a ligação e eu fiquei pesaroso por ela me não ligar nenhuma. Do outro lado da linha, a mamã da beldade atende, pelo que demonstra ser possuidora de belos sentimentos. E a interessante menina, que disse chamar-se Ermelinda, extremamente nervosa e batendo o elegante péssimo no chão ornamentado com serradura, con-

ta que estando á espera dum electrico, no Rossio, um homem que passava com uns cabides muito grandes lhe rasgara a capa de borracha de tal maneira que ficara quasi sem camisa!! Ao ouvir isto, dei um pulo e, observando melhor a encantadora senhora, reparei que ela tinha, na realidade, um enorme rasgão na manga esquerda da capa de borracha. Após ter pedido á mamã para que lhe enviasse o criado com um casaco de abafar, sentou-se e, com excitação elevada ao cubo, descreveu vinte e cinco vezes a tragedia do homem dos cabides. Pouco depois chega o criado e a linda senhora, de porte elegante, com uma capa de borracha cor de burro quando foge, veste-se em publico, dá as boas-noites e vai-se embora.

E assim que ela saiu, disse para o quinto botão do meu colete: «Mas para que demonio andam certos homens com os cabides de fóra a rasgarem as capas das mulheres bonitas?»

21 e trinta e cinco: Chegou um amigo a quem os parentes deram por interdito. Tem uma mulher que, qual gata, lhe arranha o rosto. A familia pediu-me para o proteger. Sou uma especie de administrador da massa falida, o que neste caso significa: um administrador de massa encefalica!

21 e quarenta: A chuva miudinha faz contas de somar na rua cimentada e os automoveis correm velozes, ensurdecendo com as suas buzinas os pobres moradores.

3 horas da tarde. Acordei. Estava na cama e tinha á cabeceira o meu querido amigo e distinto clinico dr. Blanco. Segundo ele me disse, estive ás portas da morte por ter comido um pedaço de bolo Rei envenenado. Perdi novamente os sentidos e aguardo que a familia os encontre... -- ROCIX



-- V. não calcula a dificuldade que eu tenho de falar enquanto toco.

-- Também toca piano?

-- Não, toco flauta.



-- A senhora doutora ouve ai todos os sons?

-- Todos, ainda que venham de longe.

-- O quê, mesmo da Outra Banda?

Mãosinhas de cadeira

O meu extraordinario amigo José do Pinho era dos raros homens que sabia fazer da sua dôr um poema... heroi-comico.

Sabendo que ele andava passando dramaticas dificuldades, perguntei-lhe:

-- Já almoçaste?

-- Já! Foi até um rico almoço: mãosinhas de cadeira.

-- De cadeira?

-- Não tenhas duvidas. Tenho lá em casa um cadeirão D. João V. Resolvi-o vender. Um amator apenas quiz comprar a madeira. Com o dinheiro fui ao talho e comprei mãosinhas de carneiro. Ou porque estavam rijas, ou porque tivesse nas guelas os remorsos de vender os restos da mobilia dos meus avós, o caso é que o petisco sabia-me a mãosinhas de... cadeira.

«Ha um mês, tenho feito menús excelentes.

Com os discursos de Garrett fiz um dia um belo assado. Tem sido uma coisa aprimorada. Sopas de esmaltes, mayonaises de gravuras, reposteiros com batatas, lavatorio antigo com ervilhas, uma aguarela de um cão com melho branco, bifés de prateleiras, lombinhos de... pau santo, costeletas de vinhatico, iscas de brocado, vinho abafado... numa casaca velha, presunto com boas encadernações em percalina, bacalhau a... Luis XV, etc.

«O pior é se eu chegar ao extremo de fazer costeletas com os ferros da cama, vinho com o lavatorio, licores com a mesa de cabeceira e carnes assadas vendendo... o proprio fogão...

Quanto ao tabaco, tenho feito arder algumas boas edições. Claro, comecei pelos modernos. Os livros de Antonio Ferro ainda me deram para alguns charutes!...

As «Cinzas» do Chamico

Era uma vez um Gregorio Chamico, muito reinadio, mas tambem muito porco. Na mesma agua em que lavava os pés, trezandando a essencia de peuga, lavava a cara! Pois o Gregorio passara em claro as noites de Carnaval. Com uma habilidade rara, foi *evitando corôas* aos amigos; *enfeitou-se com cocottes*; *utilizou-se* e comeu menos mal, graças ao Mômô, Folião, conseguiu despertar a atenção da Esmeralda, bailarina em voga, a preço convidativo. Ela gostou dele; achou-o de cabeça bem levantada. Ele gostou dela; achou-a deliciosa para bater o *fundango*. Então, juntaram os trapinhos, indo fixar residencia na rua do Meio, á *Esperança*.

Passados nove meses, nasceu um rebento. O bom sucesso da Esmeralda acontecera em quarta-feira de Cinzas. Já lá vai um ano! O menino, porque se trata dum Gregorio linfatico, teve o prodigio de nascer com um olho de menos, com uma perna a mais e com crelhas de burro. Um verdadeiro tesouro para os pais, que projectavam *expô-lo* no Jardim Zoologico.

Mas, o Gregorio acordou hoje sobressaltado -- e ficou de monco caído. Em lugar de encontrar a Esmeralda a seu lado, viu-se apenas com o filho, que zurrava como uma besta, salvo seja. A bailarina aquecera demais com o Gregorio e desovara. Liquidifize-se e evaporou-se! Gregorio chora ainda a sua desdita e, agarrado ao filho, triste, canta, para logo beber:

Já ful galo nesta terra,
Em que ha galinhas a mais;
Anda, filho, salta e berra,
E põe ovos de pardais.

IVINHO.

Galanteria d'um Peixe

O nosso Pescadinha, o impagavel boémio de sempre, de quem tantas partidas se contam, teve ha dias no Chiado um desses galantelos que decerto teriam feito morrer de inveja o Rodolfo Valentino, no filme *Monsieur de Beaucaire*.

Ora, como é mais do que sabido, o nosso heroi, partindo do principio de que o alcool conserva os corpos, chega sempre ao fim do dia, após prolongadissima *matinée* alcoolica, cujos resultados são ha muito tempo sempre os mesmos, com cada utlizadela que chega para uma familia inteira e bem sortida.

Ha dias, encontrava-se o Pescadinha postado no Chiado, na ilha do pecca do dito... e do verso, admiradissimo porque ha de o vante entender o braço para o lado da Brasileira e não para a rua Paiva Andrade, para o bar do saudoso José Dieguez, isto no mais perfeito raciocinio de quem se encontra ainda capaz de beber mais uns copinhos, aferidos ou não, quando, guiando a sua *conduite*, surge uma conhecida atriz.

Pescadinha admirou o carro, admirou ainda mais a gentil artista e, no momento em que esta estendia a mão fóra do veiculo, para indicar a direcção pretendida ao sinaleiro de serviço, o nosso bom Pescadinha, imperturbavel, mais melifluo que um soneto do dr. Julio Dantas, acercou-se do carro e, compondo o melhor sorriso que as circunstancias permitia, pegou na mão da artista e coloca nela um beijo, tão repenicado como os cristalinos acordes dos carrilhões de Mafra!

Foi a primeira vez que vi uma pescadinha... sem o rabo na boca...

SILVA PINTO

Progressos da Sciencia

Estavam em grande discussão dois afamados medicos. Um era espanhol; outro francês.

— Você, meu caro colega, não calcula como a sciencia medica tem progredido em França.

«Ora calcule que na Grande Guerra, durante a grande batalha de la Marne, uma granada alemã decepeu a cabeça dum dos nossos mais valentes soldados. Quando a chuva de metralha parou um pouco, a Cruz Vermelha, com o melhor dos carinhos, colocou o corpo do soldado e a cabeça que encontrara a vinte metros de distancia, numa maca e conduziu-os para a reatguarda.

«O comandante do regimento a que o pobre soldado pertencia ficou pesadeto com o caso. Um medico que ali estava, vendo a dor do homem e sabendo tratar-se dum soldado valentissimo, procedeu então a uma operação que nunca se realizara: colocou a cabeça do soldado sobre o pescoço e coseu-a. Hoje esse soldado é tenor da Opera, em Paris.

— Bravo! Bravo! — diz o medico espanhol. Mas não me admira esse caso, porque tenho um talvez melhor ainda.

«Na guerra de Marrocos, durante um combate, um soldado espanhol ficou sem o peito. Procurou-se encontrá-lo por toda a parte, mas tudo foi baldado. Tratava-se tambem dum soldado valentissimo e... como se não encontrasse o peito, vendo perto uma cabra, o medico teve uma ideia: arrancou ao animal o peito, depilou-o e depois... enxertou no soldado o peito da cabra.

— E deu resultado? — perguntou o francês.

— Muito bom... Muito bom... tão bom que três meses depois dava quatro litros de leite por dia!

QUARTA-FEIRA DE CINZAS



PO... LIXO... NADA

Consultas do "Fixe"

P. 18:— Peço-lhe encarecidamente que me responda a esta pergunta filosofica e ultra-psicologica: «O que é a vida?» — *Filosofo Junior*.

R. 18:— A vida é sonho que passa — dizia João de Deus; é um ai que se evapora, ai que muitas vezes se solidifica em vez de se evaporar e fica eternamente a ralar a fressura a um individuo.

Ha quem julgue tambem a vida como um canudo muito retorcido, em que andamos quotidianamente a chupar ou a roer, como soi dizer-se em calão vulgar.

Porém, possuo uma outra interpretação da vida, que difere absolutamente de todas as outras. A vida é um deserto, um imenso areal sem fim, onde os oasis são raros, e nos chamamos oasis aos fins dos meses, a época do Natal em que se recebem as gratificações, que nem sempre chegam, e outras épocas semelhantes que vivem mais na nossa cabeça que nas nossas algibeiras.

A mulher é um camelo e, como acontece em todo o deserto que se preza, o homem so montado num camelo consegue atravessar esse deserto.

Ha excepções, é claro. Alguns automoveis conseguem realizar as mesmas funções que os dromedários. São raros.

P. 19:— Mataram D. João? Será verdade? — *Uma apaixonada dele*.

R. 19:— Não se assuste, minha senhora. Mataram-no apenas provisoriamente. Qualquer dia ressuscita e até os cabelos dum dos tradutores se põem em pé, a dar palmas de contentes.

Oxalá que seja breve.

P. 20:— Fuas Roupinho e Vasco da Gama teem algum grau de parentesco, alguma semelhança um com o outro? — *Mauricio Marinho*.

R. 20:— Teem, sim, senhor. E V. Ex.^a, nautico nas horas vagas, se vaga se pode chamar á pequena ondulação em que V. Ex.^a navega, deve saber que... (pausa) nenhum deles descobriu o Brasil, nem V. Ex.^a tambem. Nem o vosso criado

Z. M.

Uma festa galante

Numas festas ha tempo realizadas em Sintra, que decorreram, como sabem, brilhantes, havia um numero que despertara uma viva curiosidade. Era o teatro ao ar livre.

A recita, que seria em *matinée*, fóra organizada por um dos nossos mais notaveis homens de teatro, cujo nome anda ligado á maior parte dos grandes sucessos do genero ligeiro destes ultimos anos.

Comprende-se a sensação que tal anuncio produziu.

Realmente, á hora marcada no programa, abriu o espectáculo pela exhibição de Nascimento Fernandes nos seus trabalhos de *dressage* dum a cadela que dança o fandango, ao som do harmonium.

A seguir appareceu o actor Miranda e recitou... *O Estudante Alaciano*.

Grande comoção entre a assistência pela novidade da produção poetica.

E, logo a seguir, uma actriz-cantora entoeu, ao som da estafada *Valencia*, uns versos traduzidos do francês por Pedro Bandeira, com o titulo suggestivo de *O meu amor*, roçando levemente pelo obsceno.

Toda a gente ficou penalizada por a musica não ter sido cantada com a letra celebre do sr. Felix Earmudes:

As rosas...
São as flores...
Que aos amôres,
Teem ninhos de desejo...

Mas o programa seguia na sua *corbeille* de novidades em folha.

Um outro actor recitou uma coisa que parecia uma parodia á *Venda dos Bois*, de Gonçalves Crespo, e a cantora-virtuose Virginia Solero cantou uma canção napolitana ao som de citara.

Nesta altura, quando entravam os espectadores retardatarios, acabou o brilhante espectáculo.

Os compradores dos bilhetes esperam ainda hoje a 2.^a parte, com que eles contavam para se desferfar, ao menos ouvindo com delicia essa linda canção, tão em voga, da *Rosa Tirana*.

SARCEY JUNIOR

Graça dos outros

Anecdotas sobre medicos, se as quizessemos contar, dariam columnas e columnas do nosso engraçadissimo semanario.

Por hoje, basta apenas três exemplos. Ei-los:

Ha anos, morreu em Paris um conhecidissimo medico, bastante considerado pela sua infelicencia e pelo seu bom humor.

Um dia, um dos seus clientes e amigo, absteiu-se dele e disse:

— Oh! doutor. Porque é que você não se cura?

O medico respondeu:
— Porque aos medicos não compete aumentar a população.

Outra vez, esse medico viu num enterro um subdito que demonstrava grande influencia. E disse para um amigo:

— É você aquele sujeito que ali vai?

— Sim... E depois?...

— Deve-me a morte do pai...
Outra ainda:

Um conhecido medico, especialista de pulmões, cobrava cem mil reis pela primeira consulta e cinquenta pela segunda.

O nosso conhecido Praxedes, querendo esquivar-se ao pagamento de tão grande quantia, entendeu começar pela segunda consulta. Entrou, por isso, no gabinete do medico e exclamou: — «Aqui estou de novo, meu caro doutor».

— Muito bem; queira despir-se — disse o medico.

Examinou-o, num exame consciencioso, e disse por fim:

— Vai indo muito bem. Continue com o tratamento que lhe receitei da ultima vez.

* * *

— De maneira que, meu caro amigo, nesta sua grande aflicção, aquela garrafa de *cognac* é o seu unico consolo?

— Não, senhor. Tenho mais duas no armario.

Voltou-se de novo o primeiro:

— Conhecem vocês aquela historia do asno de Buridan, que ficou indeciso entre um molho de aveia e um monte de ferro? Se a este burro fôsse dado a escolher entre uma cuba de vinho e uma cuba de agua, estou certo que, como eu e todas as pessoas sensatas — escolheria a agua.

Então, uma voz interrompeu:

— Claro... porque era burro...

Os amores



— E que me dizes: ele casa com ela pelo dote ou por amor?...

— Não sei. Talvez por amor... só do.e.

Riso amarelo

— Que tem, filha?
— A Luiza contou-me um segredo e pediu-me que não dissesse nada à Madalena.
— E então?
— É que a Madalena está a chegar e eu não me lembro o que contou a Luiza.

* * *

— A sua mana continua com a cleptomania?
— Não; já está curada. Como nós herdámos agora uns dinheiros...

* * *

— O segredo da beleza está em comer muito alho.
— Já sei; mas é um segredo tão difícil de guardar!

* * *

— A propósito, doutor: se passar qualquer dia pela minha rua, faça favor de subir, porque minha mulher partiu uma perna.

* * *

— Qual é o seu ideal?
— Acabar os meus dias num país onde nunca se morresse.

* * *

— É casado?
— Não, senhor juiz.
— Pois é uma sorte para sua mulher.

* * *

— Disseram-me que eram treze à mesa, e como tua mulher é supersticiosa, venho jantar com vocês.

— Mas nós somos apenas doze.
— Então fico para corrigir a superstição de tua mulher.

* * *

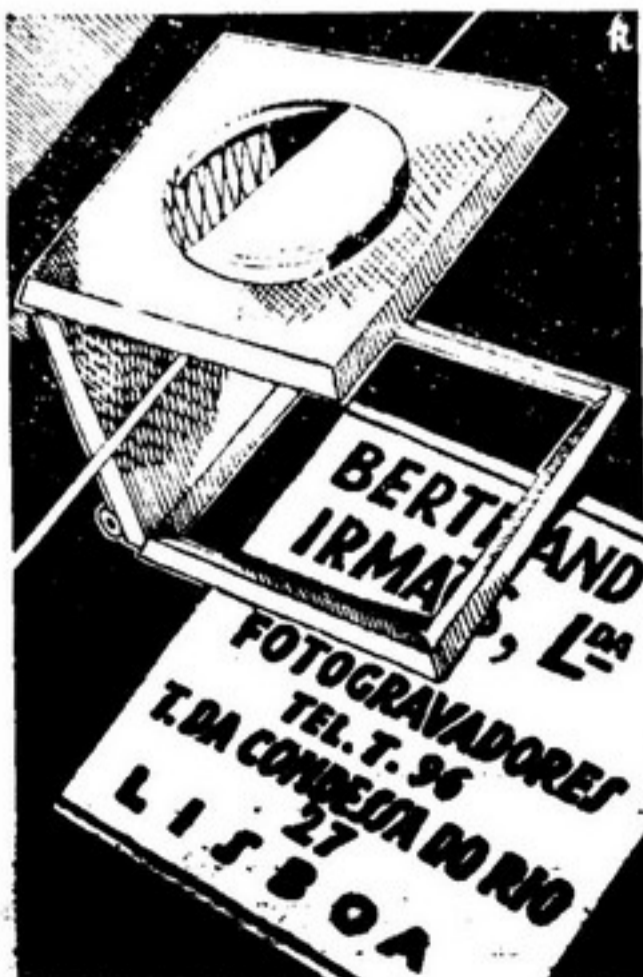
— Queria dizer-lhe uma coisa, mas não sei como começar.
Ela: — E se eu lhe dissesse que sim, sabia?

* * *

— Não eduquei minha filha para ela viver com um imbecil!
— Não ha inconveniente porque ela, quando nos casarmos, deixará de viver consigo.

* * *

Ao dentista:
— Doi-me este dente mas arranje-me antes o do lado para vér se faz doer.



DOCTOR HILLERS

Pastilhas alemãs diversas

Frutas sortidas, laranja, limão, Ariosan, Peppermint e Eucalipto-mentol
A' venda em todas as boas casas que se presam

Vejam as Exposições nas casas:

PASTELARIA DELICIA DE LISBOA-Vilarelho & Trindade-R. Aurea, 264
PASTELARIA VICTORIA-Martins de Pina & Botelho Lda.-R. do Mundo, 143
J. Alcobia-Avenida da Liberdade, 91 a 103

FITAS FALADAS

Na semana passada deu-se uma coisa que não teve mesmo graça nenhuma: a forma como foi recebida pela «grande critica» (1) o filme português — que iligo eu? — portuguêsissimo da gema *Vê e Amar!* O *Fixe* não se fez para tratar das coisas desengraçadas. O que tem pilhas são as razões que levaram os pequenos a dizerem mal, acintosamente mal, teimosamente mal dum fita que eles, graças a Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, nunca seriam capazes de fazer tão bem.

É certo que um critico não é obrigado a ser capaz de fazer melhor aquilo de que diz mal. Se assim fosse, o remedio era simples: os que se limitam a criticar passavam a fazer, atafalhando as suas obras dessas qualidades de que censuram a ausencia; e os que fazem, passariam a criticar, perdendo aos que os substituíam os defeitos que nunca tinham sido capazes de reconhecer nas suas proprias obras. E assim, realizadores ex-criticos e criticos ex-realizadores viveriam uns com os outros como Deus com os Anjos.

Houve quem visse *Vê e Amar!* e amassem. Houve quem visse — e não amasse. Ambos estavam no seu direito. Mas tambem houve quem não visse e, portanto, não amasse, nem deixasse de amar, antes pelo contrario.

Ora é preciso vér *Vê e Amar!* Quando por mais não seja, para se ficar sciente da competencia e da justiça de certos rabiscadores piedosos e impiedosos, que não merecem piedade — e costumam afinar com as piadas dos piadeticos de officio, como este vosso criado.

O Homem que passa passou-

lhes o pé, chamando-lhes «assistentes de esquina», «realizadores de café» e «homens entendidos».

De todas estas «justissimas» designações, a mais cruel é a ultima: porque os chamados «homens entendidos» não entendem nada de nada, não se entendem entre si nem com os outros, nem conseguem fazer-se entender.

E já que começamos a desfiar a graça alheia, não nos pode escapar esta: houve um cinema que esteve disposto a incluir nos seus fantasmagóricos espectaculos carnavalescos (que deixaram a perder de vista os Entrudos de Nice e do Rio de Janeiro), estes dois numeros sensacionais: «Eu não digo mais asneiras», valsa anglo-funebre, e uma conferencia ilustrada com alguns passos de dança paroxismica executados por dois cinepontos que se julgam bem mais em evidencia do que estão...

Por camaradagem bem compreendida, todos os outros cinemas aderiram ao movimento de protesto movido pelos bem-intencionados ao rancoroso libelo, ou antes *lifoio* dos pequenos.

O Tivoli declarou que menino Jorzesinho era *Levado da Breca* e recomendou-lhe um espartilho da *Pompadour*. O Condes, em ar de troca, açulou-lhes os *Três Mosqueteiros* às cadelas. O Odéon declarou que vozes de burro não chegavam ao *Paraizo*, condenando-os a *Um mês de prisão!* E o Central chamou-lhes *Filhos da Tempestade*...

RETARDADOR.

(1) *Vidé Diario de Lisboa* aturado n.º tantos, definição de «grande critica», por A. R.

Pedidos

Telefone T. 2627

Cronica dos tribunais

O tribunal do Sena, em Paris, está tratando dum processo bastante curioso.

Historiemos o caso. Madame Mercedes, rica e bonita, de nacionalidade americana, viuva dum proprietario de minas que fez fortuna no Mexico, habitava uma luxuosa casa em Passy, quando teve a ideia de alugar uma outra casa mais luxuosa no Campo de Marte. As pessoas das suas relações exultaram-se perante o deslumbrante de tanto luxo. E não faltou quem comentasse tão grande estadão. Como pode Madame Mercedes alugar uma casa destas, em que deve pagar uma fortuna de alugar nos tempos que vão correndo?

Madame Mercedes, perante a estranheza de algumas das suas curiosas amigas, dava a seguinte explicação:

— Sim... tenho sorte! Devo a minha felicidade a minha corda de enforcado...

E, dizendo isto, batia com os nós dos dedos numa mesa para quebrar o enguiço...

— Explica lá isso! — observaram-lhe as suas amigas.

— Um lavrador argentino ofereceu-me um pedaço de corda que serviu a um desesperado para se enforcar num recanto da sua quinta. Desde então, a sua vida entrou numa verdadeira fase de ventura. O meu marido, que trabalhava de dia para comer de noite, durante 20 anos, sem exito de maior, viu decuplicar, de repente, os seus haveres. Além disso, jogou na loteria espanhola e apanhou o primeiro premio. Outras propriedades surgiram, tornando o casal fabulosamente rico.

Durante a sua mudança, a corda de enforcado, a quem Madame Mercedes estimava como a uma pessoa de familia muito querida, desapareceu.

Calcule-se o desgosto da pobre senhora. O mais curioso é que o cofre que continha o pedaço da preciosa corda chegou ao seu destino, mas vazio. Os quatro moços encarregados do transporte dos moveis declararam que tinham feito o serviço com o maior cuidado.

Madame Mercedes chorou amargamente, com maior magua do que quando chorara pela morte de seu marido.

Para recuperar a corda da sorte, entregou o caso ao advogado Bernardeau, que lhe aconselhou a intervenção dum *detective* famoso. Este empregou os seus esforços, sendo impropicias todas as pesquisas e tendo no entanto ganho fabulosos honorarios. Madame Mercedes é que não se conformou com os argumentos do *detective* e invocou o artigo 1384 do Codigo Civil, que torna qualquer individuo responsavel das coisas confiadas a sua guarda. E reclamou junto do tribunal civil do Sena em mil francos de indemnização contra a casa encarregada da mudança.

«Devemos levar em conta — dizia a citação — que a perda do referido objecto causa a requerente um prejuizo moral e incalculavel, tanto mais que attribuia ao pedaço de corda toda a sua felicidade.»

A casa das mudanças nomeou seu advogado o sr. René Floriot, que, na sua contestação de impugnação da accusação, dizia:

«É de prever que Madame Mercedes, tendo perdido a corda, acabará por perder tambem o processo.»

Sortes grandes 7

só o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77

O DIARIO DE LISBOA e SEMPRE FIXE vendem-se na Covilhã, na casa low Guimarães Costa.

DESSPORTOS

O desafio Portugal-França

Instalado na cama com uma pleurisia, um principio de congestão pulmonar e outros companheiros da mesma família, assisti comodamente ao Portugal-França, pelos relatos do *Seculo* e do *Diario de Noticias*. Assisti e diverti-me. Estou mesmo convencido de que me diverti muito mais do que os que gastaram 400 ou 500 escudos para ir ao Porto — uma vez que o *association* consistiu em não o haver — e muito mais em conta.

Mas, depois de passada a bebedeira da victoria carnavalesca, diz o critico do *Diario de Noticias*:

«O onze de Portugal teve uma tarde sombria. Mesmo uma das suas saídas mais fraquitas. Jogou pouco. Longe do que sabe e ainda mais longe do que poderia se em determinados lances tivesse mantido no

E o *Seculo* confirma:

«Na verdade, os portugueses obtiveram a victoria mais pela actividade e energia do que, propriamente, por terem desenvolvido melhor jogo que os adversarios. Não nos iludamos a este respeito»

Em português, isto quer dizer

jogo, ora vindo á rectaguarda em busca da bola, a invadir o terreno dos médios.

Neste particular, não podemos estar em absoluto accordo com José Manoel Soares, que, sendo o melhor homem da linha da frente em campo, devia manter-se no seu lugar de avançado.»

Mas que singlares ideias que tem este tecnico sobre o posto de interior...!!!

Mas até sobre o arbitro, as opiniões são divertidas. Eis a opinião do *Seculo*:

«A arbitragem, a cargo do belga Laugenus, foi bem desempenhada e a contento de ambos os grupos. Não lhe foi difficil, de resto, o desempenho da sua missão, porquanto os grupos se portaram com a maior correcção, não tendo havido qualquer lance duvidoso. Como sabemos que Laugenus é um arbitro competente e isso mesmo ficou demonstrado, nada custa chamar a atenção dos nossos arbitros para as falhas involuntarias, que ele não assinalava, ao contrario do que muitas vezes succede com os nossos arbitros, que delas se aproveitam sem razão, para fazerem interromper o jogo.»

Ao que o *Diario de Noticias* respondeu:

«O arbitro do jogo, mr. Laugenus, não conseguiu realizar tao bom trabalho como quando ha um ano arbitrou o nosso encontro com a Espanha, em Sevilha. Teve, desta vez, alguns maus julgamentos de faltas, beneficiando em vez de castigar.»

De modo que, enquanto um o aponta como exemplo aos arbitros nacionais — o outro acusa-o de maus julgamentos de faltas.

Rebola-A-Sola.

LACTICINIOCIDIO



Entre outras coisas os franceses admiraram muito a nossa leiteira...

campo a energia que em jornadas anteriores se notou e que no recente Portugal-Checo-Eslavo constituiu o principal motivo do triunfo registado.

E no conjunto não houve um periodo sequer, bem marcado, em que os esforços da equippe se conjugassem totalmente segundo as necessidades do momento e sem que este ou aquele flanco, oferecido pelo adversario, fosse intelligentemente aproveitado.

que o *team* portuguez não jogou nada. Ou antes: jogaram o *keeper*, um *back* e um *forward*. Os médios vão ser ritados.

Vejamos uma apreciação pitoresca do *Seculo* sobre José Manoel Soares:

«Está no seu posto de ataque, ora aguardando que lhe forneçam

Diz o *Seculo*, logo na primeira pagina:

«Depois que Portugal tem conquistado retumbantes victorias sobre os gigantes latinos, a França, a Italia, e, depois de lá, mais para o norte, os triunfos portuguezes terem ecoado com estrondosa ressonancia, Portugal cresceu em reputação social»

Isto é verdade. Pacheco e Conceição Acacio, se fossem vivos, não teriam escrito de maneira mais profunda nem mais definitiva. Pois se até o analfabetismo cresceu de notavel modo...

E quando este já fala no crescimento da reputação social, não se imagina o que se escreve sobre a reputação footballistica. Em resumo:

Ao ser conhecido no Uruguay o resultado do *match*, deram-se varias síncopeas na sede do Club Nacional de Montevideo.

— Os profissionais ingleses, em virtude dos ameadores progressos do *football* lusitano, vão pedir a Federação para que não seja ali admitida a inserção de jogadores portuguezes.

— Os profissionais escoceses, ao conhecerem o resultado do Porto, limitaram-se a resolver não ingerir mais vinho daquela procedencia.

Desinfectando as vias urinarias combatem-se eficazmente as enfermidades urinarias de origem bacteriana. Isto pode conseguir-se com os

Comprimidos de **Helmitol**



Se o atormentam adores e picadas ao urinar ou o assustam a urina turva e outros fenómenos desacostumados, tome comprimidos de Helmitol, remedio de sabor agradável e completamente inofensivo. A sciencia confirma a sua grande eficacia e o nome "Bayer" garante o valor deste preparado.

Consulte o seu medico.



Quereis dinheiro?

Jogai no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre series grandes!

ALBUNS

Edição da A. C. P.

Para os Selos Cinematographicos

A venda nas papelarias e tabacarias.

Premios aos coleccionadores.

A venda as series: B e C dos Selos Cinematographicos

Grandes descontos aos revendedores.

Pedidos por escrito aos Depositarios Geraes.

J. M. Loureiro e J. Simões

R. Passos Manuel, 105, 3.º — Lisboa

Acceptam-se Agentes na Provincia



Nestas dores —

ASPIRINA

Em breve desaparece a dor, voltando o bem estar e nova alegria de viver.

Não ataca o coração nem os rins.

Tambem a *Calaspirina* é um produto da acreditada casa **Bayer**

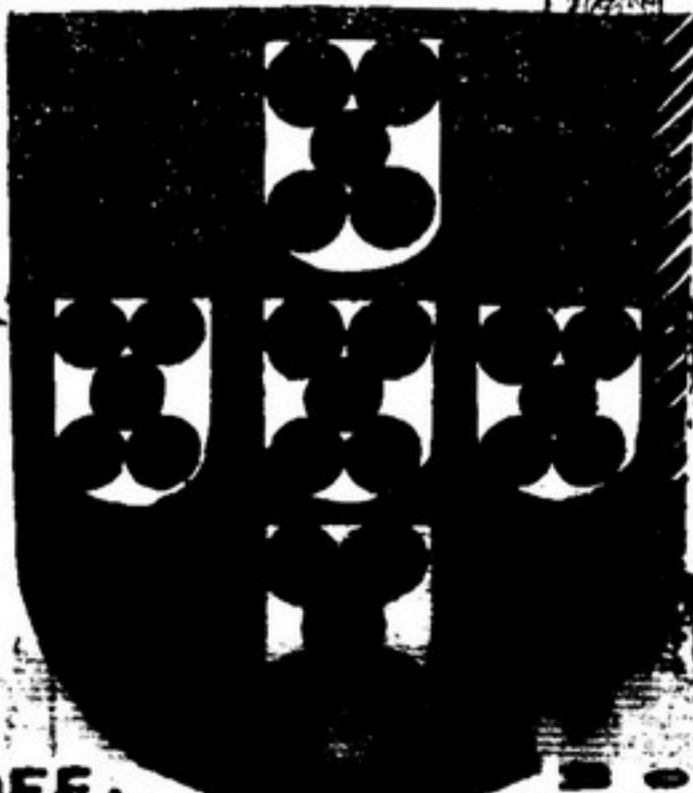


OS DAS SEMANA



VIVA A
BELGICA

PAÍS IRMÃO NA LUCTA
PELA LIBERDADE



AOJORNALIS... BELGAS OFF.

ROYALME